



Óbito perinatal: refletindo sobre narratividade, o uso das redes sociais e a elaboração psíquica possível

Helena Carneiro Aguiar

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, Brasil
<http://ocrid.org/0000-0002-7333-4066>

Crises sobrepostas

A gestação inaugura uma fase muito particular na vida dos pais. Convoca, mesmo antes do nascimento do bebê, um processo que abarca todo um conjunto de remanejamentos psíquicos e afetivos (ZORNIG, 2010). Além das transformações físicas e hormonais presentes na mulher, uma série de adaptações psicossociais precisam ser feitas. Bydlowski (2002) afirma que a gravidez se configura como uma crise maturativa, provocando ansiedades e conflitos latentes que contêm em si uma capacidade evolutiva que contribui para o processo de formação de uma nova identidade. A autora supõe que a gravidez inaugura um encontro íntimo da mulher consigo mesma, devido à emergência de conteúdos psíquicos recalcados relativos a experiências e fantasias infantis.

Em alguns casos, contudo, esse já delicado processo é interrompido pela morte precoce do bebê. Diante da crise existencial que a gravidez naturalmente convoca, a perda de um bebê nesse cenário aumentará desmedidamente a intensidade dessa crise e, portanto, exigirá remanejamentos ainda mais complexos (AGUIAR; ZORNIG, 2016). A morte perinatal exige um trabalho de elaboração psíquica bastante singular, pois a representação do bebê que não nasceu vivo, ou morreu pouco após o seu nascimento, certamente apresentará dificuldades de se encaixar em nossas representações usuais.

A mortalidade perinatal refere-se aos óbitos ocorridos entre a 22ª semana de gestação e o sexto dia completo de vida após o nascimento (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009). Ou seja, quando falamos em óbitos perinatais, englobamos a mortalidade fetal e a neonatal precoce (até o sexto dia de vida). Levantamento de dados de 2018 aponta que, no Brasil, a taxa de mortalidade perinatal foi de 15,5% nascimentos totais e que os óbitos neonatais precoces representaram a maioria dos óbitos infantis (NOBREGA et al., 2021). Sabemos, no entanto, que a subnotificação de óbitos, especialmente óbitos fetais, é muito grande em países como o Brasil, de tal modo que a incidência de famílias que vivem a experiência de mortes perinatais certamente é ainda mais expressiva. A mortalidade perinatal é considerada no Brasil como um problema de saúde pública e merece nossa atenção e esforços para refletir sobre os processos subsequentes.

Nesse trabalho, iremos pensar sobre o que pode favorecer o processo de simbolização do óbito perinatal, promovendo um movimento de (re)construções psíquicas. Diante do indizível da experiência do óbito perinatal, pensaremos na potencialidade do uso das redes sociais no processo de luto subsequente a essa perda. Os pais que perderam tão precocemente seus filhos terão que descobrir uma forma de fazer face ao insuportável dessa perda e, nessa direção, temos investigado como as redes sociais podem contribuir nesse sentido.

Óbito perinatal

No momento em que os pais se preparam para dar a vida, a criança que é esperada e sonhada desaparece, antes mesmo de conhecer seus pais e o mundo. Ainda que a gestação contenha, desde antes mesmo de sua concepção, sentimentos e desejos também hostis em relação a esse filho, a gravidez usualmente é vista como um momento de criação de vida, permeada por toda ambivalência. Assim, quando acontece o óbito perinatal, os pais perdem não só um objeto de amor, mas, sobretudo, o que potencialmente o filho poderia ter lhes dado, se tivesse vivido. Torna-se ainda mais difícil que essas famílias consigam lhe atribuir um lugar na realidade e em seus pensamentos.

A morte perinatal ocorre num delicado momento existencial, no qual o narcisismo dos pais é convocado à cena e, diante do temor que as feridas narcísicas suscitam, o filho surgiria como uma possibilidade de enfrentá-las e revê-las, com a esperança de um novo desfecho. No entanto, esse filho morre, dismantelando as esperanças e expondo novamente seus pais ao temor (AGUIAR; ZORNIG, 2016).

A representação que os pais possuem do bebê é marcada por grande ambivalência, pois este reativa os fantasmas edípicos e o desamparo inicial, não sendo ainda reconhecido enquanto objeto externo. Por tudo isso, o óbito nesse período é potencialmente problemático e pode ser vivido como traumático, uma vez que o objeto de amor perdido não está firmemente reconhecido como objeto da realidade. Perder um objeto que, por vezes, representava uma parte de si carregada de esperança de rever suas feridas narcísicas e, por vezes, representava um ente querido, pode lançar seus pais em um estado confuso e dificultar a instauração da simbolização dessa ausência e mesmo a entrada no trabalho de luto.

Observamos que, com frequência, a rede de apoio ao redor dos pais que sofrem a perda tem dificuldades de auxiliá-los e acaba desestimulando a vivência deste luto. É comum uma sensação de irrealidade e vazio. Percebemos que uma situação contraditória é evocada entre o intenso investimento psíquico no feto durante a gestação e o imediato desinvestimento que é imposto após o anúncio da morte. Tendo em vista as dificuldades impostas pelo óbito perinatal, percebemos que, não raro, essas perdas não são simbolizadas, levando a saídas mais dolorosas para os pais.

Criatividade e espaço potencial

Pais que perdem seus filhos nem sempre são capazes de entrar no processo de elaboração do luto. Essas pessoas, confrontadas com a perda de um (ainda enigmático) objeto de amor, precisarão buscar sustentar um equilíbrio entre levar a realidade em conta, sem se render diante de sua violência, ao mesmo tempo em que precisarão descobrir uma forma de se expressar criativamente, sem se alienar num mundo alucinatório (BARONE, 2004). Em nossa concepção, esse desafio pode ser compreendido à luz da teoria winnicottiana sobre fenômenos transicionais, pois o óbito perinatal convoca algo que entrelaça necessariamente o intrapsíquico e o intersubjetivo, sublinhando a necessidade de pensarmos o espaço intermediário.

O espaço potencial, conceito desenvolvido por Winnicott (1975a/1951), que se refere a um espaço intermediário entre o objetivo e o subjetivo, é justamente onde o autor localiza a experiência criativa. Essa visão refere-se a um espaço que não é dentro e, ao mesmo tempo, não é fora, e assinala que o objeto deve se apresentar para, paradoxalmente, ser criado. Para Winnicott (1975b/1959), o viver criativo se constitui na capacidade de transitar entre o dentro e o fora, abandonar-se a estados não integrados, com a confiança de que é possível a reintegração.

Acreditamos que essa confiança possibilitará uma construção psíquica que não será meramente adaptativa. De acordo com a história precoce e singular de cada indivíduo, este contará com uma herança mais ou menos favorável para usufruir dessa confiança no ambiente e, portanto, da capacidade de criar. Para Winnicott (1975b/1959) só podemos pensar num viver criativo levando em conta o meio ambiente.

A elaboração das perdas, na visão de Winnicott, (1975b/1959) tem como protótipo a perda da mãe, vivida pelo bebê nos momentos de formação de sua experiência de separação eu-outro. Diante disso, lhe é solicitado o desenvolvimento do espaço de ilusão, espaço em que se torna possível reencontrar, de alguma forma, o que foi perdido. Um reencontro que, para Winnicott, passa a ser a criação de novas formas de existir, e não apenas tentativas de reprodução do que se perdeu (BARONE, 2004). É nesse sentido que Winnicott (1975b/1959) afirma que a criatividade é a base do viver saudável.

A possibilidade de viver criativamente é o que traz o sentimento de que a vida vale a pena ser vivida, trazendo um “colorido de toda a atitude com relação à realidade externa” (WINNICOTT, 1975b/1959, p. 95). Com base na teoria winnicottiana sobre a criatividade, permitimo-nos pensar no trabalho de luto vinculado à possibilidade de realizar algo criativo, com o objetivo de resgatar a sensação de que a vida vale a pena ser vivida. Em contraste, ajustar-se ou adaptar-se à perda de forma submissa constitui um estado que não pode ser considerado saudável e não instaura um caminho em direção ao processo de elaboração do trabalho de luto. Winnicott (1975b/1959) aponta que, em casos graves de submissão, tudo o que importa permanece oculto e não manifesta qualquer sinal de sua existência.

Romão-Dias (2007) pontua que a criatividade é um conceito que Winnicott aproxima aos conceitos de espaço potencial e do brincar. Por dizer respeito à saúde e à vontade de viver, a criatividade é fundamental, não só nos estágios iniciais da vida, mas por toda a vida do indivíduo. Portanto, segundo a teoria winnicottiana, para que haja saúde e vontade de viver, é essencial a manutenção do brincar e da criatividade durante toda a vida, inclusive nos percalços de sua existência. Assim, somos levados a não desconsiderar em nenhum momento a dureza da realidade externa, mas também a valorizar os aspectos positivos da ilusão. O acesso à ilusão permite aproximar-se da recuperação da capacidade de brincar, expressando seu *self* de maneira criativa.

Soubieux (2015) indica que, diante do processo de luto, cada um vai ter que inventar algo a partir de si mesmo para suportar a vida e que, às vezes, isso se dá por meio da arte e da escrita. Algumas pessoas, após algum tempo da perda, escrevem livros, poesias ou compõem músicas com base em sua experiência, outras fazem pinturas ou artesanatos. A autora sensivelmente percebe que não são somente tentativas de elaboração, mas estratégias utilizadas para mostrar ao entorno a existência do filho que morreu, para buscar a validação de seu sofrimento. Pela arte, conseguem que outros testemunhem a sua existência e, dessa forma, objetalizam sua perda, tornando-a mais concreta e mais acessível aos processos do luto.

São famosos os quadros de Frida Kahlo, célebre artista mexicana, nos quais pintou cenas fortes retratando os traumáticos abortos repetidos que sofreu ao longo de sua vida. Eric Clapton, cantor e compositor britânico, compôs a emocionante e afamada canção *Tears in Heaven* após a morte de seu filho, onde questiona se seu filho poderia lhe reconhecer no paraíso.

Mas não é apenas dessa forma que a criatividade pode se expressar. É importante pontuarmos, junto a Winnicott (1975b/1959), que a criatividade não pode ser confundida com a arte criativa, pois esta requer um dom especial e, por isso, é restrita a poucos. Apesar do viver criativo requerer um olhar novo, não requer nada extraordinário. Afinal, poucas pessoas têm talentos como a capacidade de compor de Eric Clapton ou de pintar como Frida Kahlo.

Também é importante que consideremos que, mesmo quando há uma criação pela arte, não é garantido que represente um trabalho de subjetivação, podendo às vezes representar uma tentativa de ligação elaborativa sem eficiência simbólica. Para Outeiral e Moura (2002), alguns artistas podem realizar verdadeiras obras de arte com inquestionável valor cultural, mas ainda assim não refletem seu verdadeiro *self* e apontar prejuízos na capacidade de transitar com confiança entre o dentro e o fora. A obra de arte pode se tornar uma “busca desesperada de um *self* integrado e não o reflexo de uma integração” (OUTEIRAL; MOURA, 2002, p. 9).

Pais que perderam seus filhos e que não consigam responder com alguma criatividade frente à perda dificilmente conseguirão retomar o desejo de viver. Mas como brincar ou agir criativamente após a morte de um filho que vinha sendo sonhado?

Mesmo supondo que esses pais tenham sido providos de um ambiente facilitador na infância e que tenham usufruído de uma mãe suficientemente boa, ainda assim, diante de tamanha adversidade, poderão se sentir invadidos pelo ambiente atual e não conseguir agir sobre ele, podendo apresentar muitas dificuldades de prosseguir seu trabalho de luto e reaver o colorido do mundo externo. Tudo isso nos faz refletir que será essencial que esses pais sejam apoiados pelo ambiente que os cerca na busca de um espaço potencial, de modo que possam procurar criar novas formas de viver e mudar a forma de olhar a situação vivida.

Winnicott (1990/1962) sugeriu que a psicanálise e a psicoterapia são práticas clínicas que se inscrevem em um espaço potencial e transicional, estabelecido entre o analista e o analisando, ou entre o psicoterapeuta e o paciente, e, portanto, envolvem as experiências de sonhar e de brincar. O autor afirma que ele, enquanto analista, possui algumas características de um fenômeno de transição, uma vez que, embora represente o princípio da realidade, nem por isso deixa de ser objeto subjetivo para o paciente. Assim, psicoterapia ou análise podem auxiliar na busca de uma resposta criativa, através do estímulo à colocação em palavras de vivências indizíveis. Neste momento, emerge para nós uma noção que está diretamente atrelada aos benefícios trazidos pela psicoterapia: a narratividade. Neste artigo, voltaremos nosso olhar para as vantagens obtidas quando uma narrativa sobre a experiência vivenciada é possível, destacando a importância do narrar para o atravessamento do luto.

O narrar e o atravessamento do luto

Walter Benjamin (1996/1936) define o narrar como uma experiência que passa de pessoa a pessoa e que, durante muitos séculos, constituiu importante ferramenta social de transmissão de valores e conhecimentos. O narrar não é apenas uma repetição de histórias contadas, mas uma construção tecida com suas próprias experiências de vida, misturadas àquelas que lhe chegam do mundo.

O autor afirmou que as experiências, com o passar do tempo, parecem perder seu potencial de serem “comunicáveis”. Influenciado por este pensamento de Walter Benjamin, Gilberto Safra é um autor contemporâneo que reforça, do ponto de vista da psicanálise, a importância da função da narrativa como modo de lidar com o desenraizamento tão frequente na atualidade. Segundo Safra (2006), a narrativa possibilita o contato com a própria experiência.

Entendemos o narrar como a possibilidade de se contar uma experiência, sendo, ao mesmo tempo, pessoal e transgeracional, atravessando as gerações na humanidade (SAFRA, 2006). Ao narrarmos uma situação, buscamos compartilhar uma experiência de vida, tornando-a presente. Safra (2006) destaca a questão da experiência, pois observa que, na atualidade, existe uma crescente dificuldade das pessoas em se autorizarem a ter uma experiência. Para que uma pessoa possa experimentar e narrar, ela precisa estar suficientemente sustentada e reconhecida pela sociedade. Nesse sentido, todo desenraizamento produz uma fratura nessas condições.

A linguagem tem uma função importante para indivíduos que passaram por uma situação traumática, como a perda precoce de um filho. A inscrição psíquica do evento traumático poderá ser facilitada pela via da narratividade, quando, através da linguagem, puder se conferir significação a tais experiências. Acreditamos que, assim, a pessoa pode constituir seus pensamentos e vivências, procurando traduzi-los para comunicar a outras pessoas.

Após um óbito perinatal, como já citado, normalmente os pais não contam com uma boa sustentação por parte do entorno. A rede de apoio que cerca esses pais têm dificuldades de compreender a dor que estão sentindo, pois, para eles, muitas vezes, é como se o bebê nunca tivesse existido. Observamos uma tendência social de subestimar ou descaracterizar a perda perinatal, como se ela fosse diferente da morte de um filho em idades mais avançadas. É frequente que, em nossa cultura, a intensidade de um vínculo seja associada ao tempo de relacionamento (IACONELLI, 2007). Assim, a sociedade parece esperar que os pais fiquem tristes por um período, mas cobra-se que “retomem suas vidas” o quanto antes. O não reconhecimento de sua dor, assim como a descaracterização de sua perda, deixam os pais desenraizados, sem a possibilidade de compartilhar o que viveram.

Quando o silêncio invade o cenário onde a morte se instala, a elaboração será muito mais penosa. Mathelin (1999, p. 17) enfatiza que o trauma surge na falta de palavras que venham dar sentido ao ocorrido, pois o trauma é “sem fala, ele permanece sem palavras porque é por definição impensável”. Sem que se falem dos mortos e da morte em si, a entrada dessa experiência na vida simbólica dos envolvidos será um grande desafio.

Safra (2006) observa que o mundo na atualidade apresenta uma temporalidade cada vez mais acelerada, o que dificulta a experiência, já que a experiência é o tempo da demora. Frequentemente, após uma perda perinatal, o primeiro questionamento dos pais à equipe de saúde é sobre o tempo que poderão “tentar outra vez”. Existe uma pressa e um medo do passar do tempo que contribuem para a não elaboração do ocorrido.

As mães que perderam seus bebês no período perinatal parecem realmente ter um local de pertencimento confuso, sua identificação com o grupo de mães é frágil. Se perguntarmos para uma dessas mães se ela se declara realmente mãe, notamos ser comum que ela não se sinta à vontade com a pergunta e/ou nem mesmo consiga respondê-la. Ao mesmo tempo em que considera que é mãe, por não ter filho vivo não seria uma “mãe em pleno sentido” – a menos que possua outros filhos.

O narrar daria condições a essas mulheres para que se apropriassem de suas experiências, mas muitas vezes isto não é possível. Esses pais podem ser lançados à solidão, não conseguindo estabelecer comunicações significativas com qualquer outra pessoa, nem mesmo entre o próprio casal. A clínica com pais que sofreram um óbito perinatal, concebida nessa perspectiva, pode ser muito enriquecida, no sentido de trabalhar com a intenção de possibilitar uma narrativa.

A potencialidade da internet

A internet e o uso que fazemos das redes sociais também se revelam como espaços promissores para expressão criativa diante do luto, uma vez que se mostram como espaços privilegiados para a narratividade.

Ao iniciarmos o estudo sobre o luto perinatal, chamou fortemente a nossa atenção o contraste entre o quão pouco se falava abertamente sobre essa temática e a grande quantidade de vídeos e páginas na internet dedicados a esses bebês que não nasceram vivos. Existem muitas páginas no Facebook e no Instagram, nas quais, especialmente as mulheres, criam uma rede de apoio virtual, dividindo tanto angústias e recordações como estratégias de enfrentamento da dor. Nesses espaços, é comum que haja um incentivo para que se elabore uma narrativa, para que contem sobre o que vivenciaram, para que falem dos seus filhos e para seus filhos. Essas práticas podem ter um papel importante na vinculação da experiência com o mundo da linguagem e podem ser, a nosso ver, uma forma de expressão criativa a partir de seus sofrimentos.

Do luto à luta, Precisamos falar sobre isso, Grupo sobreviver, Mães de anjo, Mães sem nome e Mães de estrelas são alguns dos grupos que estão na internet, buscando um espaço no qual essas famílias possam se identificar e validar o sofrimento que atravessam. Os nomes das páginas citadas nos trazem a questão do abstrato da perda e da luta que é encará-la e falar sobre ela.

Muitos vídeos são carregados no YouTube contando a história da gestação, normalmente com fotos e uma música ao fundo. Esses vídeos nos parecem ser uma tentativa dos pais de “mostrar ao mundo” e a si mesmos que seu bebê existiu, mesmo que só para eles ou por pouco tempo. Com essa estratégia, podem se aproximar de uma objetualização da perda. Ao fazer o vídeo, fica mais claro que o que perderam foi um filho real, com um nome próprio e uma história, ainda que curta. Além disso, podem encontrar um grupo de pertencimento no qual poderá ser possível a identificação com sentimentos comuns.

Na visão de Safra (2006), ao encontrar-se em um grupo de pertença, poderão ter a possibilidade de experimentar e compartilhar. Cria-se um espaço entre os *pais* e os *não pais*, que frequentemente são chamados de “pais de anjos”, fazendo referência aos pais que perderam seus bebês antes ou logo após o nascimento. Nomeia-se e valida-se a existência de um espaço singular, com fronteiras menos rígidas, onde podem falar do que lhes aflige subjetiva e objetivamente.

Missonnier (2015) chama atenção para o início do surgimento de um grande número de vídeos nas redes sociais postados por pais enlutados a partir de 2005. O autor observa que os vídeos podem se revelar uma tentativa de subjetivação criativa, entremeada pela exposição de seu sofrimento. Esses vídeos e relatos de histórias na internet podem não ter uma significação *a priori*, não são criativos ou patológicos em si mesmos. Mas, ainda que não simbolizem um espaço de elaboração e se mostrem apenas como uma repetição traumática, podem funcionar como um pedido de ajuda e uma quebra do silêncio que se instaura em torno dessa morte. Essas práticas oferecem aos pais uma oportunidade para que possam construir a representação de sua realidade psíquica. Além disso, dão às pessoas próximas a oportunidade de entenderem a sua dor e se expressarem através de mensagens que são expostas publicamente após os vídeos e relatos.

Em nossa cultura, destaca-se a dificuldade que temos em falar sobre a morte. Muitos autores falam que se trata mesmo de um tabu, especialmente quando a morte está referida à infância, “invertendo a ordem natural da vida”. Diante de tantas dificuldades com as quais os pais são confrontados ao lidar com a morte de seu bebê, pensamos agora no motivo pelo qual a internet se mostra como um local mais disponível para expressar essa vivência.

Sabemos que a relação da mãe com seu bebê, ainda no ventre, é peculiar, estabelecida antes de o bebê se configurar como um objeto em si mesmo, completamente externo à mãe. Por essa particularidade, dizemos que o feto, no útero materno, ainda não configura um objeto real. Aragão (2012) chama a nossa atenção para o duplo *status* do bebê durante a gravidez: ele está presente no interior do corpo da mãe e em seus pensamentos conscientes e inconscientes, mas ausente da realidade visível. Dessa forma, só pode ser objeto de interações fantasmáticas, onde o que está em jogo são essencialmente os conteúdos psíquicos da mãe, em torno desse objeto ainda eminentemente narcísico que é o bebê, já que o “bebê existe, sem existir” (ARAGÃO, 2012, p. 41).

A gravidez constitui, portanto, um período em que se desenvolve um trabalho de preparação da relação objetal, marcado por uma dinâmica dupla, tanto narcísica como objetal. Nesse sentido, Missonnier (2004) elabora o conceito de *objeto virtual*, que nos auxilia a desenvolver essa questão, pois destaca a característica intermediária entre o feto como objeto internalizado (que ainda não é real), ao mesmo tempo em que já aponta a possibilidade de ser. Pensando em como o feto representa para os pais a promessa da criança que virá, o autor destaca a virtualidade da relação que se estabelece entre eles. Assim, propõe a noção de relação de objeto virtual para referir-se ao modo particular de relação entre a mãe e o bebê em seu ventre, descrevendo-a como um processo dinâmico e adaptativo que envolve comportamentos, afetos e representações em torno do feto.

A criança virtual ancora-se, em parte, nas crianças do imaginário parental, mas não se reduz a essas representações, projeções, expectativas e sonhos dos pais. A virtualidade é também atravessada por algo do bebê que, aos poucos, dá sinais do que lhe é próprio.

Os pais, no luto perinatal, perderam uma promessa de filho, uma promessa de paternidade e maternidade. Morreu um filho que não representava ainda um ser totalmente independente deles e de suas projeções, um filho ainda virtual. Chama-nos atenção a convergência entre o virtual deste filho e o virtual da internet, e assim somos lançados a pensar novamente sobre o espaço transicional formulado por Winnicott. O que percebemos é que algumas pessoas conseguem utilizar a internet como um espaço potencial (ROMÃO-DIAS, 2007), como um local diferente da realidade externa e diferente do mundo interno e, por isso, possivelmente mais fácil de expor esse bebê que também fazia parte dessa dimensão intermediária.

O espaço potencial foi definido por Winnicott (1975a/1951) como uma área de repouso onde não seria preciso manter separadas as realidades externa e interna, onde o teste de realidade não é convocado e pode-se experimentar uma ilusão entre o subjetivo e aquilo que é objetivamente percebido. Nesse sentido, o espaço potencial está livre das exigências da realidade, sem, ao mesmo tempo, estar sob o total controle do mundo interno. Winnicott afirma que, ainda que o espaço potencial se constitua nos primeiros estágios da vida de um ser humano, ele não perde sua função ao longo da vida.

Dessa forma, a internet pode atuar como esse espaço de repouso, onde a ilusão é permitida, sem, no entanto, desconsiderar totalmente a realidade externa. Assim, como espaço potencial, a expressão desses vídeos e histórias na rede virtual permite certo alívio para os pais, que não precisam estar entre as exigências da realidade e as exigências de seu mundo interno. A nosso ver, um exemplo disso é a prática crescente de famílias que publicam na rede textos como se estivessem falando com seu filho morto, jurando amor eterno e garantindo seu espaço na família. Outra prática que vemos é a postagem de fotos de ultrassom e mesmo fotos de família onde os pais inserem algum símbolo que represente o filho que morreu (um boneco com o nome do filho, um anjinho ou até um balão com o nome do ausente), como se compusessem a família de forma mística. Provavelmente esses pais, caso questionados, diriam que seu filho não poderia estar lhes escutando, mas confortam-se ao escreverem para eles nas redes sociais. Seria como uma brincadeira, um “faz de conta”, permitido nesse espaço de ilusão que a internet possibilita.

Reconhecemos a grande potencialidade que a internet pode representar no auxílio à elaboração de uma perda tão significativa em um momento extremamente delicado. Porém, não podemos deixar de pontuar que, para constituir um espaço de construção psíquica, tudo dependerá da forma como o sujeito pode utilizar esse espaço. Romão-Dias (2007) afirma que, para os sujeitos que utilizam a internet apenas com fins de comunicação, que não brincam na internet, ela não irá lhes abstrair da realidade externa, não os deixará absortos e não será, portanto, um espaço “neutro”. Dessa forma, a internet não poderá lhes servir como um espaço potencial. Assim sendo, a internet poderá criar uma falsa realidade com potencial para confundir os sujeitos e levá-los a um uso solitário e patológico desse meio. Nesse sentido, temos que estar atentos à linha que, por vezes, pode ser tênue entre usar o espaço da internet como algo que favoreça a elaboração ou que favoreça a patologização, como a conversa com entes que morreram numa tentativa de negar a realidade da perda.

Considerações finais

A coincidência entre o início da vida com a morte revela-se como um acontecimento demasiadamente difícil de ser inserido no mundo da linguagem e de ser introjetado psiquicamente. Mas a simbolização de um acontecimento traumático, como a morte de um bebê esperado, pode ocorrer, desde que os sujeitos envolvidos possam usufruir de espaços intermediários, nos quais seja possível acessar saídas criativas que os permita uma nova visão e outras associações. Nesse sentido, a história de cada sujeito, com suas primeiras relações objetivas e qualidade do ambiente, será um importante indicador de saúde, facilitando, ou não, o usufruto de estados de confiança e criatividade, que poderão ser buscados não apenas em uma terapia, mas também na arte e no uso da internet, entre outros.

Buscamos, assim, marcar nossa esperança de que sempre será possível uma elaboração eficaz, por mais doloroso e lento que possa ser o caminho. Retomando Winnicott (1975b/1959), salientamos como a criatividade é a base para um viver saudável e que pode aparecer de diferentes formas, não requerendo uma produção artística mirabolante, mas algo que indique uma tentativa de ligação elaborativa. Destacamos a importância da busca por espaços potenciais, espaços intermediários entre o objetivo e o subjetivo, para impulsionar o sujeito em direção a uma apropriação criativa da experiência vivida, possibilitando novas formas de olhar, narrar e modificar sua experiência, afim de que possa vir a se incluir psiquicamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, H.; ZORNIG, S. Luto fetal: a interrupção de uma promessa. **Estilos da clínica**, vol. 21, n. 2, p. 264-281. 2016. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v21n2/a01v21n2.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

Aragão, R. O. Narrativas do início da vida: como contar nosso primeiro capítulo? **Primórdios**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 73-83, 2012.

BARONE, K. C. **Realidade e luto**: um estudo da transicionalidade. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas de Walter Benjamin**. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1996 (Original de 1936) p. 197-222.

Bydlowski, M. O olhar interior da mulher grávida: transparência psíquica e representação do objeto interno. In: CORRÊA FILHO, L.; CORRÊA GIRADE, M. H.; FRANÇA, P. (Orgs.). **Novos olhares sobre a gestação e a criança até os três anos**: saúde perinatal, educação e desenvolvimento do bebê. Brasília: LGE Funsauúde, 2002. p. 205-214.

IACONELLI, V. Luto insólito, desmentido e trauma: clínica psicanalítica com mães de bebês. **Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 10, n. 4, 2007.

MATHELIN, C. **O sorriso da Gioconda**: clínica psicanalítica com os bebês prematuros. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Manual de vigilância do óbito infantil e fetal e do Comitê de Prevenção do Óbito Infantil e Fetal**. 2. ed. Brasília, DF, 2009. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_obito_infantil_fetal_2ed.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2022.

MISSONNIER, S. L'enfant du dedans et la relation d'objet virtuel. In: MISSONNIER, S.; GOLSE, B.; SOULÉ, M. **La grossesse, l'enfant virtuel et la parentalité**. Paris: PUF, 2004. p. 119-144.

_____. Les stèles virtuelles sur Internet: un rituel de deuil séculier? **Le Carnet Psy**, n. 186, p.15-21, 2015.

NOBREGA, A. et al. Mortalidade perinatal no Brasil em 2018: análise epidemiológica segundo a classificação de Wigggleworth modificada. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 1, e00003121, jan. 2021. Disponível em: <<http://cadernos.ensp.fiocruz.br/site/artigo/1636/mortalidade-perinatal-no-brasil-em-2018-analise-epidemiologica-segundo-a-classificacao-de-wigggleworth-modificada>>. Acesso em: 25 fev. 2022.

Outeiral, J.; Moura, L. **Paixão e criatividade**: estudos psicanalíticos sobre Frida Kahlo, Camille Claudel e Coco Chanel. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

Romão-Dias, D. **Brincando de ser na realidade virtual**: uma visão positiva da subjetividade contemporânea. 2007. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SAFRA, G. O narrar. In: SAFRA, G. **Desvelando a memória do humano**: o brincar, o narrar, o corpo, o sagrado, o silêncio. São Paulo: Sabornost, 2006. p. 21-33.

SOUBIEUX, M. J. Le deuil périnatal, un impensable à penser. **Le Carnet Psy**, n. 185, p. 22-24, 2015.

Winnicott, D. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: WINNICOTT, D. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975a (Original de 1951). p. 13-44.

_____. A criatividade e suas origens. In: WINNICOTT, D. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975b (Original de 1959). p. 95-120.

_____. Os objetivos do tratamento psicanalítico. In: WINNICOTT, D. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990 (Original de 1962). p.152-155.

ZORNIG, S. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. **Tempo psicanalítico**, v. 42, n. 2, p. 453-470, 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v42n2/v42n2a10.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

RESUMO

O óbito perinatal ocorre em um delicado momento existencial e exige um trabalho de elaboração psíquica bastante singular. A dificuldade da rede de apoio em reconhecer a dor dos pais, a virtualidade do objeto perdido e a ambivalência contida no bebê dificultam que a experiência vivida seja inscrita na cadeia de simbolizações, contribuindo para que o trabalho de luto perinatal seja potencialmente problemático e possa ser vivido como traumático. Apontamos nesse manuscrito que pode haver um trabalho de subjetivação que represente uma tentativa de ligação elaborativa através do uso criativo das redes sociais. A internet pode se apresentar como espaço potencial, tal qual definido por Winnicott, e se constituir como uma via promissora para expressão criativa diante do luto perinatal, em que os pais podem tanto narrar suas experiências (aproximando-as do mundo da linguagem e, portanto, aproximando-as de uma possível elaboração) quanto se sentirem pertencendo a um grupo com o qual podem se identificar.

Palavras-chave:

luto perinatal, espaço potencial, criatividade, redes sociais.

La muerte perinatal:**reflexionando sobre la narratividad, el uso de las redes sociales y la elaboración psíquica****RESUMEN**

La muerte perinatal se produce en un momento existencial delicado y requiere de un trabajo psíquico muy singular. La dificultad de la red de apoyo para reconocer el dolor de los padres, la virtualidad del objeto perdido y la ambivalencia contenida en el bebé dificultan que la experiencia vivida se inscriba en la cadena de simbolizaciones, contribuyendo para que el trabajo del duelo perinatal potencialmente problemático y puede ser vivido como traumático. Señalo en este manuscrito que puede haber un trabajo de subjetivación que represente un intento de conexión elaborativa a través del uso creativo de las redes sociales. Internet puede presentarse como un espacio potencial, tal como lo define Winnicott, y constituir una vía prometedora de expresión creativa frente al duelo perinatal, donde los padres pueden tanto narrar sus experiencias (acercándolos al mundo del lenguaje y, por tanto, acercándolos a una posible elaboración), así como el sentimiento de pertenencia a un grupo con el que se pueden identificar.

Palabras clave:

duelo perinatal, espacio potencial, creatividad, redes sociales.

Perinatal death:**reflecting on narrativity, the use of social networks and psychic elaboration****ABSTRACT**

Perinatal death occurs at a delicate existential moment and requires a very unique psychic work. The lack of recognition from the supporting network on the parents' pain, the virtuality of the lost object and the ambivalence contained in the baby makes it difficult for the lived experience represented by the chain of symbolizations, contributing to make the work of perinatal mourning potentially problematic and a traumatic experience. This manuscript indicates that there may be a subjective labor that represents an attempt to elaborate a connection through the creative use of social media. The internet can present itself as a potential space, as defined by Winnicott, and constitute a promising way for creative expression in the face of perinatal grief, where parents can both narrate their experiences (bringing them closer to the world of language and, therefore, bringing them closer to a possible elaboration), as well as a feeling of belonging to a group with which they can identify themselves.

Keywords:

perinatal grief, potential space, creativity, social networks.

DATA DE RECEBIMENTO: 28/02/2022

DATA DE APROVAÇÃO: 08/07/2022



Helena Carneiro Aguiar

Mestre e doutoranda em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Brasil. Membro do departamento de Psicologia da AMIB – Associação de Medicina Intensiva Brasileira (gestão 2022-2023).

E-mail: helenacarneiroaguiar@gmail.com